

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
FACULDADE DE CIÊNCIAS ECONÔMICAS  
DEPARTAMENTO DE ECONOMIA E RELAÇÕES INTERNACIONAIS  
BACHARELADO EM DESENVOLVIMENTO RURAL  
PLAGEDER**

**ELISABETE CARINE FRITZ**

**AS CARACTERÍSTICAS QUE ENVOLVEM O CIRCUITO DO SETOR DE  
HORTIGRANJEIROS DE UM SUPERMERCADO DO MUNICÍPIO DE TRÊS DE  
MAIO/RS.**

**Três de Maio/RS**

**2022**

**ELISABETE CARINE FRITZ**

**AS CARACTERÍSTICAS QUE ENVOLVEM O CIRCUITO DO SETOR DE  
HORTIGRANJEIROS DE UM SUPERMERCADO DO MUNICÍPIO DE TRÊS DE  
MAIO/RS.**

Trabalho de conclusão submetido ao Curso Bacharelado em Desenvolvimento Rural - PLAGEDER, da Faculdade de Ciências Econômicas da UFRGS, como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Desenvolvimento Rural.

Orientadora: Prof. Dr<sup>a</sup>. Rumi Regina Kubo

Co-orientadora: Msc. Sandra Mara Mezalira

**Porto Alegre**

**2022**

**ELISABETE CARINE FRITZ**

**AS CARACTERÍSTICAS QUE ENVOLVEM O CIRCUITO DO SETOR DE  
HORTIGRANJEIROS DE UM SUPERMERCADO DO MUNICÍPIO DE TRÊS DE  
MAIO/RS.**

Trabalho de conclusão submetido ao Curso Bacharelado em Desenvolvimento Rural - PLAGEDER, da Faculdade de Ciências Econômicas da UFRGS, como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Desenvolvimento Rural.

Aprovada em: Porto Alegre, 20 de Julho de 2022.

BANCA EXAMINADORA:

---

Prof. Dr<sup>a</sup>. Rumi Regina Kubo – Orientador  
UFRGS

---

Prof. Dra. Tamara R. Bubanz Silva  
IFRS

---

Prof. Dra. Patrícia Binkowski  
UERGS

“Dedico este trabalho a Deus, a toda minha família, que me apoiaram nessa etapa da minha vida.”

“A cada pessoa que de alguma forma auxiliou na realização deste trabalho e de muitos dos meus sonhos.”

“Ao Curso de PLAGEDER da UFRGS, aos professores, tutores, colegas e à equipe de apoio do Polo UAB de Três de Maio.”

“Cada dia a natureza produz o suficiente para nossa carência. Se cada um tomasse o que lhe fosse necessário, não havia pobreza no mundo e ninguém morreria de fome.”

Mahatma Gandhi.

## RESUMO

O presente trabalho tem por finalidade analisar as características e demandas que envolvem o circuito de fornecedores de produtos encontrados no setor de hortigranjeiros em um dos supermercados de Três de Maio/RS. Para a elaboração do estudo foram feitas pesquisas bibliográficas sobre o tema, além de uma pesquisa *in loco* complementada por uma entrevista semiestruturada onde foi possível observar o dia a dia das atividades do supermercado buscando possibilidades de desenvolvimento para o município. Concluiu-se, por meio deste estudo de caso, que o supermercado tem demandas interessantes no setor de hortigranjeiros que poderiam ser utilizados no fomento ao desenvolvimento rural do município. Verificou-se que há demanda, especialmente, em relação à qualidade e frescor dos alimentos oferecidos aos consumidores finais do supermercado, o que não é perfeitamente oferecido considerando o longo processo logístico que alguns alimentos demandam atualmente.

**Palavras-chave:** Mercados. Demandas. Segurança alimentar e nutricional. Agricultura familiar. Logística.

## **RESUMO EM LÍNGUA ESTRANGEIRA**

The present work aims to analyze the characteristics and demands that involve the circuit of suppliers of products found in the horticultural sector in one of the supermarkets of Três de Maio/RS. For the elaboration of the study, bibliographic research was carried out on the subject, in addition to an on-site research complemented by a semi-structured interview where it was possible to observe the day-to-day activities of the supermarket seeking development possibilities for the municipality. It was concluded, through this case study, that the supermarket has interesting demands in the horticultural sector that could be used to promote rural development in the municipality. It was found that there is demand, especially in relation to the quality and freshness of the food offered to the final consumers of the supermarket, which is not perfectly offered considering the long logistical process that some foods currently demand.

Keywords: Markets. demands. Food and nutrition security. Family farming. Logistics.

## **LISTA DE FIGURAS**

Figura 1 – Mapa da distância entre o supermercado e os municípios de origem dos pequenos fornecedores.....	23
Figura 2 – Mapa da distância entre o supermercado e os municípios de origem dos fornecedores/facilitadores.....	24

## LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Tipologia dos mercados da agricultura familiar.....	17
Quadro 3 – Localização dos pequenos fornecedores e localização dos fornecedores/facilitadores.....	22
Quadro 2 – Lista dos alimentos mais procurados e que não são encontrados no supermercado.....	25
Quadro 4 – Lista de produtos e quantidades adquiridos e comercializados no supermercado estudado, no mês de janeiro de 2022, e informações de desperdício.....	26

## **LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS**

CCCA –	Circuitos Curtos de Comercialização de Alimentos
CEASA –	Centrais Estaduais de Abastecimento
COREDE –	Conselho Regional de Desenvolvimento Fronteira Noroeste
FAO –	Organização das Nações Unidas para a Alimentação e a Agricultura
FNDE –	Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação
IBGE –	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
KG –	Quilogramas
ONG –	Organização Não Governamental
PAA –	Programa de Aquisição de Alimentos
PMA –	Programa Mundial de Alimentos das Nações Unidas
PNAE –	Programa Nacional de Alimentação Escolar
RS –	Estado do Rio Grande do Sul
UNID –	Unidades

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>12</b>
1.1	OBJETIVO GERAL.....	14
<b>1.1.1</b>	<b>Objetivos Específicos.....</b>	<b>14</b>
1.2	METODOLOGIA.....	15
<b>2</b>	<b>REFERENCIAL TEÓRICO.....</b>	<b>16</b>
2.1	MERCADOS E AGRICULTURA FAMILIAR.....	16
2.2	MERCADOS DE CIRCUITOS LONGOS.....	17
2.3	MERCADOS DE CIRCUITOS CURTOS.....	18
<b>3</b>	<b>RESULTADOS E DISCUSSÕES.....</b>	<b>20</b>
<b>4</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>33</b>
	<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>35</b>
	<b>APÊNDICE 01 – ENTREVISTA.....</b>	<b>38</b>
	<b>ANEXO 01 – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO.....</b>	<b>39</b>

## 1. INTRODUÇÃO

Atualmente vivemos situações em que a agricultura altamente tecnificada e um sistema produtivo, altamente dependente de insumos químicos sintéticos nos levaram a dependência de mercados com logísticas extremamente caras e longas que diminuem os lucros e aumentam o desperdício, especialmente dos alimentos *in natura*.

Nesse aspecto, de acordo com Dal Soglio e Kubo (2016), a distância percorrida pelo alimento acarreta um aumento significativo no preço final devido aos custos econômicos extras que incidem sobre este deslocamento.

Além disso, Dal Soglio e Kubo (2016) destacam também, algo que é perceptível em diversos mercados do nosso país, os atravessadores, pessoas que se colocam entre o produtor e o consumidor absorvendo a maior parte do lucro e encarecendo ainda mais o produto. Muitas vezes esta intermediação poderia ser desnecessária, porém o sistema burocrático traz desconforto ao produtor que em geral aceita a dependência da intermediação para evitar tais processos burocráticos.

Já de acordo com Costa e Waquil (2021), a pobreza é diferenciada, em termos de análise, da situação de vulnerabilidade que tem característica temporal. A partir desta análise é possível descrever algumas localidades interioranas e/ou algumas pequenas propriedades rurais como, em situação de vulnerabilidade, já que enfrentam dificuldades diversas, mas que em geral derivam da dificuldade financeira.

Por outro lado, mesmo as mais íngremes e dificilmente cultiváveis das propriedades que se encontram nesta situação, possuem alguma capacidade produtiva que pode ser explorada com algum grau de estudo e estrutura, no que tange a produção de alimentos, e poderiam ter sua situação de vulnerabilidade alterada com um mínimo de estrutura através de políticas públicas de apoio e incentivo nesse contexto.

De acordo com informações do IBGE, através de dados do senso agropecuário de 2017, o Brasil aumentou sua população em nível de pobreza de 25,7 por cento em 2016 para 26,5 por cento em 2017, considerando o nível de pobreza proposto pelo Banco Mundial (com receitas de US\$ 5,5/dia ou R\$ 406,00/mês). Sendo na Região Sul o equivalente a 12,8 por cento da sua população.

Ainda neste cenário, participam os supermercados no qual, conforme Sousa (2009), se enquadram as lojas do pequeno varejo que já utilizam um grande espaço no mercado e ainda estão em crescimento. Porém, a predominância é das grandes redes supermercadistas que possuem maior capacidade de reduzir custos, por inserir com maior facilidade novas tecnologias e, especialmente, pela economia em escala.

Nesse contexto, Conterato *et al.* (2013), descrevem sobre o poder de barganha “de cima para baixo” e a posição comercial de cada um dentro das cadeias agroalimentares. E isso diferencia perfeitamente os pequenos varejistas das grandes redes supermercadistas, bem como os pequenos e solitários agricultores das grandes empresas de atravessadores.

A partir deste ponto, é perceptível também, conforme Rambo, Pozzebom e Dentz (2019), o desperdício dos alimentos *in natura*, quando se trata especialmente das grandes redes supermercadistas e empresas de atravessadores.

Três de Maio é um município localizado no Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul e faz parte do Conselho Regional de Desenvolvimento Fronteira Noroeste (COREDE). É um município próspero e essencialmente agrícola, mas que se encaixa de forma perfeita nesse contexto de dependência de mercados longos, pois, é um centro de referência para a região tendo ponto marcante para exploração um supermercado de grande porte, dois supermercados de médio porte e mais de cinco pequenos mercados familiares.

Observando melhor o dia a dia da área de frutas, verduras e legumes de um dos supermercados, nota-se a grande dificuldade em encontrar fornecedores para oferecer diversidade e qualidade de alimentos aos seus clientes.

Dentro desse contexto encontra-se uma gama de produtos que são corriqueiramente pedidos, mas não são encontrados, e ainda uma infinidade de produtos que dependem de uma logística, praticamente, insustentável para serem ofertados, tornando-os assim alimentos caríssimos e geralmente oferecidos em más condições em razão do longo período de transporte.

Considerando que o circuito de fornecedores encontrado neste supermercado e, de acordo com Waquil, Miele e Schultz (2010), são canais de comercialização de nível um e dois, visto que em primeiro nível existem fornecedores diretos (agricultores que fornecem produtos ao supermercado), e como segundo nível são os fornecedores intermediários ou facilitadores (atacadistas, varejistas e centrais de distribuição) que fornecem os alimentos *in natura* ao supermercado.

Dessa forma, a análise fica restrita aos fornecedores diretos do supermercado e aos facilitadores, desconsiderando para este estudo, agricultores que fornecem aos facilitadores, que por sua vez, fornecem ao supermercado. Esta restrição de estudo se dá em razão do prazo para análise que inviabiliza tamanha abrangência.

Além disso, o supermercado faz parte de uma rede e possui algumas filiais distribuídas pela região, porém o estudo foi realizado somente na unidade de Três de Maio.

Além dos fatos, encontra-se em “Novíssimo dicionário de economia” (SANDRONI, *et al.* 1999), o esclarecimento da palavra circuito para a economia, que denota movimento de duplo sentido, como é o caso da oferta e da procura que, ainda de acordo com este dicionário, demonstra oscilação e sazonalidades, opondo-se ao equilíbrio e sendo característica essencial a dinâmica e conjuntura de um supermercado.

De acordo com Zaro *et al.* (2018), é considerável o desperdício durante todo o processo que envolve os alimentos, desde a produção até a comercialização final, sendo o transporte, possivelmente a parcela do processo que envolve as maiores perdas, devido, por exemplo, às rodovias precárias, velocidades excessivas, falta de monitoramento das cargas, registro de temperaturas, transporte sem refrigeração e até mesmo embalagens inadequadas.

Assim, o presente estudo justifica-se por proporcionar uma visão geral dos produtos demandados por um dos supermercados do município de Três de Maio, RS e possibilitar subsídios para a criação de políticas públicas para o desenvolvimento rural do município.

Desta forma, temos a seguinte pergunta de pesquisa: “Quais são as características e demandas que envolvem o circuito de fornecedores (diretos e/ou intermediários) de produtos encontrados no setor de hortigranjeiros de um dos supermercados de Três de Maio, RS?”

Desta forma, este trabalho aborda quatro capítulos, sendo este, primeiro capítulo, que abrange a introdução, os objetivos e a metodologia. Seguido do capítulo dois que abrange a revisão bibliográfica, o capítulo três que se refere aos resultados e discussões e por fim o último capítulo com as considerações finais.

## 1.1 OBJETIVO GERAL

Analisar as características e demandas que envolvem o circuito de fornecedores de produtos encontrados no setor de hortigranjeiros em um dos supermercados de Três de Maio, RS.

### 1.1.1 Objetivos Específicos

- Relacionar os principais fornecedores do setor de hortigranjeiros do supermercado e os respectivos produtos oferecidos;
- Gerar um mapa de distâncias entre o supermercado e seus principais fornecedores;
- Analisar o custo/benefício dos produtos em relação às distâncias percorridas.

## 1.2 METODOLOGIA

Esta pesquisa trata de uma abordagem qualitativa, que conforme Gerhardt e Silveira (2009), ressalta o raciocínio e o pensamento lógico, buscando mensurar a experiência humana, mas também, na medida que busca alguma interlocução com os atores sociais envolvidos no circuito de comercialização escolhido. Em sua dimensão quantitativa busca dimensionar as demandas de alimentos *in natura* no setor de hortigranjeiros de um dos maiores supermercados do município, relacionando os produtos, fornecedores diretos e intermediários e as distâncias percorridas.

Além disso, é uma pesquisa exploratória e de natureza aplicada por envolver interesses locais com vistas a auxiliar na resolução de problemas e questões de desenvolvimento local em um futuro próximo.

Esta pesquisa abrange entrevistas semiestruturadas (conforme apêndice 01), realizadas com o proprietário e o responsável pelo setor de hortigranjeiros de um dos supermercados da cidade de Três de Maio. Porém, conforme solicitado pelo proprietário, neste trabalho o estabelecimento será tratado apenas como “o supermercado”, e, em anexo, estará também o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (anexo 01), sem as devidas assinaturas para preservar a imagem dos entrevistados e do estabelecimento.

Conforme Manzini (2020), a entrevista semiestruturada é um roteiro de perguntas principais que vão sendo seguidas ou abrindo espaço para outras perguntas intrínsecas à circunstância no momento da pesquisa.

A pesquisa corresponde ao interesse de realizar um projeto com possibilidade de criação de políticas públicas que possam auxiliar no desenvolvimento da agricultura familiar do município, bem como sua economia e qualidade de vida geral.

Inicialmente, visitou-se o supermercado para a apresentação da pesquisadora e dos objetivos da mesma. Em seguida foi agendado um horário para a realização da entrevista com os proprietários e responsáveis pelo setor de hortigranjeiros.

Salienta-se que os pedidos e compras são realizados pelo responsável do setor tendo a supervisão constante do proprietário. E conforme anteriormente mencionado, a entrevista semiestruturada, ocorreu por meio de um roteiro de questões, conforme apêndice 01, possibilitando uma troca cordial e colaborativa entre as partes envolvidas e o objetivo da pesquisa. Complementarmente foram feitas observações durante o dia a dia de trabalho da área de hortigranjeiros do supermercado.

Após o processo de entrevistas, passou-se a analisar os dados obtidos, por meio da elaboração de tabelas, mapas e quadros, para oferecer uma melhor visualização dos

resultados e torná-los mais adequados ao processo de análise e também de utilização nos projetos de políticas públicas.

## **2. REFERENCIAL TEÓRICO**

Há bastante tempo, é sabido que os mercados longos, ou seja, de logística de transporte que atravessa o país, são mercados caros e de um grande desperdício energético.

Por outro lado, também se tem consciência, e é visível, a grande demanda de alimentos naturais que os mercados locais possuem e tem dificuldades de suprir com qualidade e preço justo.

Nesse sentido, o presente trabalho busca contextualizar estas duas visões e as características e demandas que envolvem o circuito de fornecedores de alimentos encontrados no setor de hortigranjeiros de um dos supermercados de Três de Maio, RS, para que assim, no futuro possa ser utilizado para relacioná-las as possibilidades de fomentar o desenvolvimento rural através da agricultura familiar local.

Nessa perspectiva, é absolutamente necessário, conforme Marques, Conterato e Schneider (2016), aprofundar-se no conhecimento dos mercados. Na sua organização, as forças sociais que o regem e, especialmente, como as variadas formas de interação nestes espaços sociais são formadas e como as relações de poder e os mecanismos usados para dominação foram construídos ao longo da evolução da sociedade.

### **2.1 MERCADOS E AGRICULTURA FAMILIAR**

Quando se trata de mercados, é comum ter a ideia de uma unidade de vendas, porém como nos explica Marques, Conterato e Schneider (2016), refere-se a dois fenômenos sociais: concorrência e competição, ou seja, o sistema de preços que regula o ato de vender ou trocar produtos.

Segundo Marques, Conterato e Schneider (2016), a análise sobre os temas que envolvem o mercado rural e, especialmente, da agricultura familiar, ficou ausente até meados de 1994. Segundo estes mesmos autores, a inserção de agricultores familiares na dinâmica mercadológica é ainda o que pode ser chamado de tabu, por gerar desconforto aos que veem os mercados como sinônimo de capitalismo.

Marques, Conterato e Schneider (2016), afirmam que a dinâmica mercadológica, ou os processos que envolvem a prática dos mercados vai muito além da simples troca, pois influencia a vida das pessoas como um todo, envolve valores e cultura, por exemplo, e moldam uma nova sociedade com o passar do tempo, sendo por vezes motivo de conflitos e

disputas. Segundo eles, os mercados rurais podem ser divididos em quatro tipos: mercados de proximidade; mercados locais e territoriais; mercados convencionais e mercados públicos e institucionais, conforme mostra o quadro 01, abaixo.

Quadro 01: Tipologia dos mercados da agricultura familiar

	<b>Tipo de agricultor familiar</b>	<b>Locus e/ou alcance espacial</b>	<b>Natureza das trocas/mo- do de negócios</b>	<b>Forma de regulação</b>	<b>Canais de comercialização</b>
Mercados de proximidade	Camponês; produtor de excedentes	Spot; venda direta; som- ente local	Interpessoal + solidário	Confiança + amizade	- Na propriedade (colhe-pague); - No domicílio/casa; - Beira estrada; - Entrega direta; - Feira local; - Grupos de consumo
Mercados locais e territoriais	Agricultor familiar; produtor simples de mercadorias	Spot; local; regional e territorial	Diversificad- o + complement- ariedade	Reputação/c- onfiança + procedência + preços	- Feira regional - Feira nacional - Redes de vendas - Eventos - Loja especializada - Restaurantes - Associação de vendas - Supermercados
Mercados convencionais	Produtor de mercadorias	Sem lugar definido; <i>placeless/unbond</i>	Concorrenci- al	Contratos + preços	- Atravessadores; - Cooperativa; - Agroindústria; - Empresa privada; - Internet; - Supermercados
Mercados públicos e institucionais	Todos os tipos de fornecedores	Multiespac- ial	Licitatório, seleção pública	Contratos públicos + leis	- Alimentação escolar; - Fair trade; - Órgãos intrnacionais (FAO; PMA); - ONGs; - Hospitais, Universidades, Forças armadas; - Entidade Assistencial; - Estoques governo

Fonte: Marques, Conterato e Schneider, (2016).

No quadro 01, nota-se que os mercados de circuitos longos encaixam-se como mercados convencionais, que produz mercadorias, não possui local definido para venda, trabalha com contratos, cotação de preços e concorrência, incluindo-se neste nível os atravessadores, cooperativas e distribuidores.

## 2.2 MERCADOS DE CIRCUITOS LONGOS

Subentende-se através da leitura de Rambo, Pozzebom e Dentz (2019), que percebida a possibilidade de ganhos expressivos através da agricultura no Brasil, iniciou-se um processo de liberalização e desregulamentação e foi se inserindo através da máquina pública a possibilidade de financiamentos e facilitando a produção de commodities, exigindo produção

em escala e prometendo grandes lucros ao produtor, assim também foi sendo implementada a monocultura. Resultando desse processo de base capitalista e de mercados expressivos, distantes e com muitos atravessadores que acabam por captar o lucro prometido ao agricultor.

Embutidos a estes mercados de logística distante, estão altos custos que não se resumem apenas a custos financeiros. Conforme destacam também Rover e Riepe (2016), são agregados ainda custos sociais e naturais que correspondem e são inerentes a ele pela grande demanda energética que este tipo de mercado exige em sua longa jornada até chegar ao consumidor final.

A maioria dos autores estudados para este trabalho destacam, que sobre os produtos de mercados de circuitos longos recaem os custos financeiros, naturais e sociais não apenas da produção, transporte simples e consumo, mas também recaem sobre ele os custos financeiros, sociais e naturais de um transporte distante que traz agregado a si os custos da produção de muito petróleo, por exemplo.

Além disso, o custo do próprio desperdício dos alimentos, especialmente *in natura*, que acabam se deteriorando durante o tempo de transporte que, por vezes, podem durar dias ou até semanas.

Outro ponto que também é opinião compartilhada entre os autores, dentre eles Rambo, Pozzebom e Dentz (2019), os comércios longos geralmente possuem muitos atravessadores que encarecem ainda mais o produto e grande parte do custo final segue para o local de origem do produto.

Dentre tantos pontos questionáveis sobre a sustentabilidade dos mercados de circuito longos busca-se como alternativa mais sustentável e viável, os mercados de circuitos curtos.

### 2.3 MERCADOS DE CIRCUITOS CURTOS

De acordo com Riva (2009), os mercados de circuitos curtos eram práticas corriqueiras da vida dos camponeses antes mesmo da invenção do capitalismo (e mais especificamente antes da instauração da Revolução Verde), e conforme Sabourin (2012), às redes sociais e os costumes da época exigiam de certa forma esta comercialização ou troca de alimentos excedentes por alimentos escassos. Porém, conforme Riva (2009) este processo foi aos poucos sendo substituído pelo capitalismo e suas práticas com vistas ao lucro.

E ainda hoje, os mercados curtos, em geral, são fruto da produção da agricultura familiar que supre a demanda do mercado local. Envolve produtores, consumidores e comércio da própria região, não necessita de atravessadores, pois a negociação é direta com o

cliente ou no máximo com o comércio local, conforme é descrito por Niederle, Almeida e Vezzani (2013).

Para Riva (2009), a agricultura familiar e a agro industrialização dos seus produtos primários e consequente busca por mercados próximos gera a criação de novos vínculos, novas redes sociais que acabam resgatando as atividades comerciais baseadas na confiança e na reciprocidade. É nesse processo de construção de novas redes sociais que se vislumbra o início da reversão da falta de sucessão, sendo possível agregar a esta colocação o desenvolvimento da região em razão da circulação de riquezas em substituição a sua saída.

De acordo com Silva *et al.* (2017), foi na Itália que surgiu a abordagem de cadeia produtiva curta, visando exatamente promover desenvolvimento local. Segundo os mesmos autores, esse processo diminui os intermediários, gera valor agregado, o que se soma a Riva (2009), que descreve também sobre a valorização dos aspectos culturais locais.

Os autores explicam ainda que a abordagem é também chamada de Circuitos Curtos de Comercialização de Alimentos (CCCA) e são baseados em proximidade maior, ou relação direta entre produtor e consumidor ou tendo apenas um atravessador.

Além disso, é também relacionada por Silva *et al.* (2017), a valorização do alimento pelo consumidor em aspectos como qualidade, forma de produção e vínculo de confiança estabelecido com o produtor. E ainda destacam a geração de trabalho e renda, e o fato de a renda girar no próprio município fomentando seu comércio como um todo tornando-se um ciclo de desenvolvimento sustentável.

Nesse sentido, Darolt *et al.* (2016), mencionam um passo governamental importante com relação, especialmente, aos programas de alimentação escolar e de população de baixa renda através do Programa de Aquisição de Alimentos (PAA), que é uma das principais políticas de apoio e incentivo à agricultura familiar no Brasil, e, o Programa Nacional de Alimentação Escolar (PNAE) que através da Lei 11.947 de 2009 exige que 30 por cento da merenda escolar deva ser adquirida da agricultura familiar, conforme segue:

Art. 14. Do total dos recursos financeiros repassados pelo FNDE, no âmbito do PNAE, no mínimo 30% (trinta por cento) deverão ser utilizados na aquisição de gêneros alimentícios diretamente da agricultura familiar e do empreendedor familiar rural ou de suas organizações, priorizando-se os assentamentos da reforma agrária, as comunidades tradicionais indígenas e comunidades quilombolas. (BRASIL, 2009, s/p).

Porém, através de Rambo, Pozzebom e Dentz (2019), percebe-se ainda uma necessidade vasta, no que diz respeito, às políticas públicas municipais que fomentam esses processos curtos de mercados, assim como uma adequação racional da legislação que ainda

dificulta muito este processo por equalizar nas mesmas exigências pequenas agroindústrias a indústrias de grande porte, além de burocratizar um processo que para despertar o desenvolvimento deveria ser simples, incentivando para que a roda do desenvolvimento possa girar.

Darolt *et al.* (2016), destacam ainda, como sendo formas práticas de mercados curtos: feira livre; feiras ecológicas; cestas prontas de produtos oriundos da roça; venda para os programas governamentais; lojas de associação de agricultores; venda direta para grupos de consumidores organizados; venda em beira de estrada; venda porta a porta; feiras e eventos, que seriam vendas diretas fora da propriedade e vendas indiretas que passam por, no máximo, um atravessador, que seriam os casos de mercados, padarias, lojas de cooperativas de agricultores e lojas virtuais.

Ou ainda, conforme Darolt *et al.* (2016), considera-se a venda direta dentro da propriedade, quando o consumidor vai até o agricultor para colher, escolher a sua própria cesta ou o seu produto, quando pode ainda ser explorada a oferta de serviços como agroturismo, esporte, lazer, pousada e gastronomia.

Outra questão relevante constatada no estudo de Darolt *et al.* (2016), é a necessidade de engajamento político e de cooperação entre produtores e consumidores para alcançar o maior nível de desenvolvimento, o que impõe também a possibilidade de troca de conhecimentos e informações que por sua vez, provoca o “despertar” do agricultor para as necessidades do seu mercado alvo.

Dado este contexto apresentado, e tendo em contrapartida um amplo mercado local com grandes demandas, percebe-se uma possibilidade de desenvolvimento do município.

### **3. RESULTADOS E DISCUSSÕES**

O estudo foi realizado na sessão de hortigranjeiros de um dos maiores supermercados do município de Três de Maio e focalizado apenas nesta unidade.

De acordo com a entrevista semiestruturada (Anexo 01) realizada com o proprietário e responsável pelo setor de hortigranjeiros do supermercado, sobre o tema, é de suma importância considerar as sazonalidades que provocam variações tanto de aquisição quanto de vendas e conseqüente desperdício.

Quanto ao desperdício, devido às quantidades adquiridas, foi colocado sobre a extrema importância da gestão do setor no que se refere às diversas sazonalidades anteriormente descritas e também as datas comemorativas que influenciam nas vendas de alguns produtos e as épocas do ano e/ou estações do ano e os produtos em ascensão ou queda

de vendas devido a estes fatores. Porém, de acordo com Queiroz (2014), as sazonalidades dizem respeito também, a fatores climáticos, físicos ou biológicos que interferem diretamente na produção e por consequência nas questões de oferta e demanda dos alimentos.

Segundo os entrevistados, são inúmeros os fatores que podem influenciar na quantidade de compra e/ou venda do alimento, com destaque também ao preço de venda, a concorrência, ao cuidado com as quantidades ainda em estoque no momento de realizar o novo pedido, considerando o tempo de entrega e quantidade necessária de compra, bem como das eventuais promoções realizadas.

Outra questão levantada é o desejo (ou não) de agricultores locais de produzir e fornecer ao supermercado, além da existência de agricultores que são fornecedores esporádicos, ou seja, que quando possuem, vendem sua produção excedente ao supermercado. Neste contexto é possível entender a explanação de Marques, Conterato e Schneider (2016), que coloca os mercados como sendo um tabu para a agricultura familiar por conta do capitalismo e também Rambo, Pozzebom e Dentz (2019), que destacam a necessidade (criada) de produzir em escala no modelo de commodities.

Foi abordado na questão do desperdício, que o supermercado trabalha com um desperdício mínimo de quinze por cento, porém não costuma realizar pesagens do desperdício gerado. E seu destino final é o sítio do proprietário, onde é utilizado como alimento para peixes, aves e porcos. E ainda, com intuito de diminuir o desperdício, trabalha com período de entrega de alimentos a cada dois dias, sendo que as medidas de aquisição são balizadas por: preço, qualidade e entrega.

Além disso, confirmando a explicação de Conterato *et al.* (2013), sobre o poder de barganha, os produtos adquiridos diretamente dos produtores da região são pagos somente os produtos vendidos, ou seja, é registrada a quantidade que o produtor traz até o mercado, porém somente é pago a quantidade que tem seu código especial passado pelo caixa (adquirido pelo consumidor final), o restante o produtor tem a opção de levar de volta para sua propriedade ou não, sendo que alguns optam por levar como trato para seus animais (peixes, aves e porcos). Outros, devido à logística preferem perder totalmente deixando por conta do mercado o destino final.

Já com relação ao grande fornecedor/facilitador, é realizado o pagamento do total do pedido ficando a custo do supermercado o excedente ou desperdício, sendo que alguns fornecedores trabalham com troca somente quando o produto vem ruim, em quantidades acima da média aceita pelo supermercado, que é analisada, caso a caso, entre as duas partes.

Já outros fornecedores trabalham com troca cem por cento. Assim, são pontos avaliados no momento do pedido e recebimento dos alimentos.

No quadro 02, abaixo, estão listados os principais fornecedores de alimentos do setor de hortigranjeiros do supermercado em estudo, sua localização e os principais produtos ofertados.

Quadro 02: Localização dos pequenos fornecedores e localização dos fornecedores/facilitadores

	<b>FORNECEDOR</b>	<b>CIDADE</b>
	<b>Pequenos fornecedores</b>	
1	Várzea	Três de Maio
2	Floresta alimentos	Horizontina
3	Rex	Três de Maio
4	Siepmann	Independência
5	Maristela	Três de Maio
6	Kipper	Três de Maio
7	Pedro	Sede nova
8	Chácara Everest	Três de Maio
9	Chácara KM 06	Três de Maio
10	Vilson	Horizontina
11	Chácara Cruzeiro	Santa Rosa
	<b>Fornecedores/facilitadores</b>	
1	Mengue (Transportadora/facilitadora)	Ijuí (Atacadista)
2	Vassoler (Transportadora/facilitadora)	Passo fundo (Distribuidora)
3	LG (Transportadora/facilitadora)	Veranópolis (matriz atacadista)
4	Real (Transportadora/facilitadora)	Três Passos (filial distribuidora)
5	JCR (Transportadora/facilitadora)	Três de Maio (filial distribuidora)

Fonte: a autora (2022).

Observa-se que neste quadro, não estão listados os alimentos fornecidos por cada pequeno fornecedor, pois estes se encontram listados no quadro 04. Já os produtos adquiridos dos grandes fornecedores são apenas listados sem denominar qual foi o fornecedor, conforme listagem fornecida pelo próprio sistema do supermercado.

Analisando os dados do quadro 02, é possível perceber que existem seis fornecedores de pequeno porte, que correspondem a agricultores do município. E cinco fornecedores de pequeno porte, que correspondem a agricultores da região de abrangência do município.

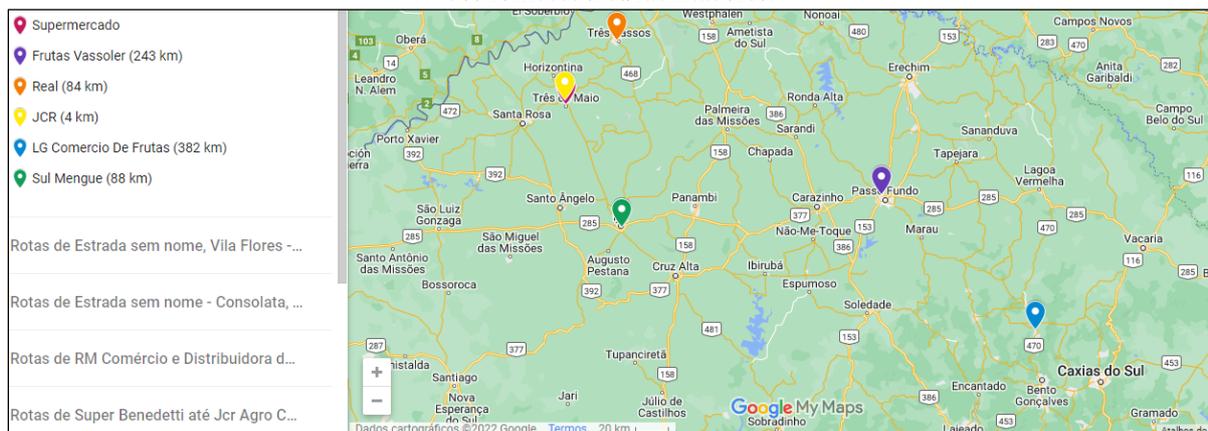
Além disso, é possível perceber que, mesmo juntos, em alguns produtos, os produtores locais não conseguem ofertar toda a demanda que o supermercado exige, sendo necessário buscar nos distribuidores/facilitadores, esta lacuna. Este ponto nos remete a Riva (2009), que destaca a importância da organização e associação dos agricultores familiares para melhor entender e suprir estas demandas e aumentar seu poder de negociação.



E os seis fornecedores (Rex, Maristela, Kipper, Chácara Everest, Chácara KM 06), localizados no interior do próprio município de Três de Maio, ficam a uma distância de cerca de cinco a treze quilômetros da propriedade até o supermercado, e alguns tem boa parte do percurso em estrada de chão e duas propriedades localizadas próximo de asfalto.

Já com relação às distâncias dos fornecedores/facilitadores, é possível ver na figura 02, abaixo.

Figura 02: Mapa ilustrativo da distância entre o supermercado de Três de Maio/RS e os municípios de origem dos fornecedores/facilitadores.



Fonte: My maps, adaptado pela autora, (2022).

Das distribuidoras, fornecedores/facilitadores, uma delas, a JCR possui filial em Três de Maio, município de localização do supermercado. Já as outras quatro: Vassoler, filial em Passo Fundo a 243 km; LG, matriz em Veranópolis a 382 km; Real, filial em Três Passos a 84 km, e Mengue localizada em Ijuí, a 88 km do município de Três de Maio.

O supermercado trabalha basicamente com estes quatro grandes distribuidores analisando, principalmente, cotação de preços e qualidade. Porém, estes grandes distribuidores recebem os alimentos de diversos lugares, podendo ser o seu município de origem ou de outros municípios do estado e até mesmo de outros estados mais distantes. Além disso, podem negociar diretamente com os produtores destes alimentos em alguns casos, como também negociar com outros atravessadores que existem geralmente entre os alimentos advindos de locais mais distantes, como é o caso da CEASA, algumas cooperativas e/ou outras transportadoras.

De acordo com as informações levantadas, o objetivo de “analisar o custo/benefício dos produtos em relação às distâncias percorridas”, fica restrito a vivência dos entrevistados que conforme o responsável pela fruteira coloca: “Há não! O alimento trazido pela dona Marlene é muito mais fresco que o que vem de fora, e é o primeiro que vai...”.

Além disso, conforme o responsável pela fruteira, o desperdício desses alimentos vindos dos pequenos agricultores fica como despesa dos próprios agricultores e é

visivelmente muito menor que os alimentos vindos de fora. Segundo ele, isso se deve ao fato de serem mais frescos e por isso serem escolhidos antes, pelos clientes.

Isso porque, conforme anteriormente exposto, o supermercado trabalha com um desperdício mínimo de quinze por cento, porém não costuma pesar o desperdício e faz cotação de preço e qualidade para aquisição. Dessa forma, não existem dados suficientes para quantificar e precificar o desperdício e compará-los as distâncias.

Por outro lado, foram relacionados inúmeros alimentos *in natura* que, corriqueiramente, são procurados para compra e não são encontrados no supermercado, alguns por falta de fornecedor e outros por não ser foco do supermercado, conforme quadro 03, abaixo.

Quadro 03: Lista dos alimentos mais procurados e que não são encontrados no supermercado

- Hortelã (maços)	- Manjeriçã (maços)
- Poejo (maços)	- Louro (maços ou folhas)
- Melissa (maços)	- Produtos orgânicos
- Coentro (maços)	- Cogumelos (kg)
- Alecrim (maços)	- Hibiscos <i>in natura</i> (kg)
- Manjerona (maços)	- Açafrão (kg)
- Orégano (maços)	

Fonte: a autora, conforme entrevista (Anexo 01), (2022).

Ainda conforme colocado pelos entrevistados, alguns destes produtos poderiam ser facilmente acrescentados pelos pequenos fornecedores que já fornecem ao supermercado, caso seja do seu interesse. Por outro lado, não são produtos que fazem a diferença aos interesses do supermercado.

Já em relação aos produtos mais comuns adquiridos e vendidos pelo supermercado, com as devidas informações de desperdício, estão listados no quadro 04. Nesta tabela estamos considerando o desperdício tendo por parâmetro o supermercado, com isso, não significa que os alimentos não sejam descartados.

Quadro 04: Lista de produtos e quantidades adquiridos e comercializados no supermercado estudado, no mês de janeiro de 2022, e informações de desperdício

Cod	Produto	Valor unitário	Quantidade compra	Valor compra	Quantidade desperdício	Valor desperdício	Destino do desperdício
<b>Fornecedor: Varzea</b>							
1	Rucula/Agrião Varzea unid	R\$ 2,50	2311	R\$ 5.777,50	R\$ 0,00	R\$ 0,00	Não há desperdícios para o supermercado, pois somente é pago pelos produtos que passam pelo caixa do supermercado, ficando a cargo do cliente decidir se quer buscar o excedente para levar de volta para sua propriedade ou se prefere deixar a cargo do supermercado dar o devido destino final.
2	Tempero verde varzea unid	R\$ 2,50	2307	R\$ 5.767,50	0	R\$ 0,00	
3	Alface Varzea unid	R\$ 2,50	1298	R\$ 3.245,00	0	R\$ 0,00	
4	Alface Varzea Crespa unid	R\$ 2,50	1244	R\$ 3.110,00	0	R\$ 0,00	
5	couve Varzea unid	R\$ 2,50	312	R\$ 780,00	0	R\$ 0,00	
6	Almeirão Varzea unid	R\$ 2,50	87	R\$ 217,50	0	R\$ 0,00	
<b>Fornecedor: Floresta alimentos</b>							
7	Alface floresta unid	R\$ 2,50	2958	R\$ 7.395,00	0	R\$ 0,00	Não há desperdícios para o supermercado, pois somente é pago pelos produtos que passam pelo caixa do supermercado, ficando a cargo do cliente decidir se quer buscar o excedente para levar de volta para sua propriedade ou se prefere deixar a cargo do supermercado.
8	Rúcula floresta unid	R\$ 2,50	1881	R\$ 4.702,50	0	R\$ 0,00	
<b>Fornecedor :rex</b>							
9	Alface hidrop rex unid	R\$ 2,50	6861	R\$ 17.152,50	0	R\$ 0,00	Não há desperdícios para o supermercado, pois somente é pago pelos produtos que passam pelo caixa do supermercado, ficando a cargo do cliente decidir se quer buscar o excedente para levar de volta para sua propriedade ou se prefere deixar a cargo do supermercado.
10	Tempero verde rex unid	R\$ 2,50	2585	R\$ 6.462,50	0	R\$ 0,00	
11	Rucula Rex unid	R\$ 2,50	1720	R\$ 4.300,00	0	R\$ 0,00	
12	Couve folha rex	R\$ 2,50	523	R\$ 1.307,50	0	R\$ 0,00	
13	Agrião rex pc	R\$ 2,50	499	R\$ 1.247,50	0	R\$ 0,00	
14	Radiche Rex unid	R\$ 2,50	129	R\$ 322,50	0	R\$ 0,00	
15	Chicória rex pc	R\$ 2,50	97	R\$ 242,50	0	R\$ 0,00	
16	Espinafre rex pc	R\$ 2,50	48	R\$ 120,00	0	R\$ 0,00	
<b>Fornecedor: Siepmann</b>							

17	Couve folha siepmann unid	R\$ 3,00	65	R\$ 195,00	0	R\$ 0,00	Não há desperdícios para o supermercado, pois somente é pago pelos produtos que passam pelo caixa do supermercado, ficando a cargo do cliente decidir se quer buscar o excedente para levar de volta para sua propriedade ou se prefere deixar a cargo do supermercado.
18	beterraba siepmann maço unid	R\$ 3,00	63	R\$ 189,00	0	R\$ 0,00	
19	Quiabo siepmann kg	R\$ 9,46	18,5	R\$ 175,00	0	R\$ 0,00	
20	Pepino grande siepmann kg	R\$ 2,50	4	R\$ 10,00	0	R\$ 0,00	
21	Couve chines siepmann unid	R\$ 3,00	8	R\$ 24,00	0	R\$ 0,00	
22	Pepino medio siepmann kg	R\$ 4,00	11,7	R\$ 46,80	0	R\$ 0,00	
23	Pepino conserva siepmann kg	R\$ 6,50	6	R\$ 39,00	0	R\$ 0,00	
<b>Fornecedor: Maristela</b>							
24	Pepino kg	R\$ 7,00	222,5	R\$ 1.557,50	0	R\$ 0,00	Não há desperdícios para o supermercado, pois somente é pago pelos produtos que passam pelo caixa do supermercado, ficando a cargo do cliente decidir se quer buscar o excedente para levar de volta para sua propriedade ou se prefere deixar a cargo do supermercado.
<b>Fornecedor: Chácara Cruzeiro</b>							
25	Melancia	0	0	R\$ 0,00	0	0	Não há desperdícios para o supermercado, pois somente é pago pelos produtos que passam pelo caixa do supermercado, ficando a cargo do cliente decidir se quer buscar o excedente para levar de volta para sua propriedade ou se prefere deixar a cargo do supermercado.
26	Melancia cortada kg	R\$ 1,95	25353	R\$ 49.459,45	0	R\$ 0,00	
<b>Fornecedor: Chácara Everest</b>							
27	Moranginho 300g	R\$ 5,10	80	R\$ 408,00	0	R\$ 0,00	Não há desperdícios para o supermercado, pois somente é pago pelos produtos que passam pelo caixa do supermercado, ficando a cargo do cliente decidir se quer buscar o excedente para levar de volta para sua propriedade ou se prefere deixar a cargo do supermercado.
<b>Fornecedor: Vilson</b>							
28	Moranginho kg	R\$ 15,90	84,8	R\$ 1.348,36	0	R\$ 0,00	Não há desperdícios para o supermercado, pois

							somente é pago pelos produtos que passam pelo caixa do supermercado, ficando a cargo do cliente decidir se quer buscar o excedente para levar de volta para sua propriedade ou se prefere deixar a cargo do supermercado.
<b>Fornecedor: Chácara KM 06</b>							
29	tomate grape bdj 180 gr	R\$ 2,90	645	R\$ 1.870,50	0	<b>R\$ 0,00</b>	Não há desperdícios para o supermercado, pois somente é pago pelos produtos que passam pelo caixa do supermercado, ficando a cargo do cliente decidir se quer buscar o excedente para levar de volta para sua propriedade ou se prefere deixar a cargo do supermercado.
30	tomate grape kg	R\$ 11,00	288,4	R\$ 3.172,40	0	R\$ 0,00	
31	Moranginho kg	R\$ 16,00	51	R\$ 816,00	0	R\$ 0,00	
<b>Fornecedor: Pedro</b>							
32	Milho verde com 4 unid	R\$ 3,50	284	R\$ 994,00	0	0	Não há desperdícios para o supermercado, pois somente é pago pelos produtos que passam pelo caixa do supermercado, ficando a cargo do cliente decidir se quer buscar o excedente para levar de volta para sua propriedade ou se prefere deixar a cargo do supermercado.
<b>Fornecedor/ Facilitador (LG; Mengue; Vassoler; JCR ou Real)</b>							
33	Abobrinha italia kg	R\$ 3,19	1783,6	R\$ 5.690,10	Não mensurado	Não mensurado	Trabalham com desperdício mínimo de quinze por cento, porém não costuma realizar pesagens dos desperdícios. Seu destino final é o sítio do proprietário, onde é utilizado como alimento para peixes, aves e porcos. Alguns fornecedores trabalham com troca somente quando o produto vem ruim, em quantidades acima da média aceita pelo supermercado, que é analisada caso a caso entre as duas partes. Já outros fornecedores trabalham com troca cem por cento. Assim, são pontos avaliados na aquisição.
34	Rabanete kg	R\$ 7,00	157	R\$ 1.099,00	Não mensurado	Não mensurado	
35	Melão especial kg	R\$ 4,00	2455	R\$ 9.809,68	Não mensurado	Não mensurado	
36	Melão espanhol kg	R\$ 4,16	1586	R\$ 6.592,00	Não mensurado	Não mensurado	
37	Melancia Baby kg	R\$ 4,82	50	R\$ 241,00	Não mensurado	Não mensurado	
38	Couve chinesa unid de 500gr	R\$ 4,81	168	R\$ 807,58	Não mensurado	Não mensurado	
39	Cenoura kg	R\$ 6,08	5050	R\$ 30.681,00	Não mensurado	Não mensurado	
40	Beterraba kg	R\$ 3,98	3800	R\$ 15.140,00	Não mensurado	Não mensurado	
41	Chuchu kg	R\$ 3,66	4000	R\$ 14.640,00	Não mensurado	Não mensurado	
42	Moranga Kabotíá kg	R\$ 3,96	1508	R\$ 5.970,02	Não mensurado	Não mensurado	
43	Pimentão verde kg	R\$ 6,75	1070	R\$ 7.221,50	Não mensurado	Não mensurado	
44	Pimentão vermelho e amarelo kg	R\$ 9,16	445	R\$ 4.075,00	Não mensurado	Não mensurado	

45	Moranga amarela kg	R\$ 2,01	306	R\$ 615,00	Não mensurado	Não mensurado
46	Beringela kg	R\$ 4,68	115	R\$ 538,00	Não mensurado	Não mensurado
47	Vagem kg	R\$ 8,89	116,8	R\$ 1.037,90	Não mensurado	Não mensurado
48	Tomate longa vida kg	R\$ 4,00	22780	R\$ 91.102,00	Não mensurado	Não mensurado
49	tomate rasteiro saladete kg	R\$ 4,71	600	R\$ 2.825,00	Não mensurado	Não mensurado
50	Cebola miuda kg	R\$ 0,21	9250	R\$ 1.965,00	Não mensurado	Não mensurado
51	Cebola grande kg	R\$ 2,55	7750	R\$ 19.800,00	Não mensurado	Não mensurado
52	Cebola roxa kg	R\$ 4,53	225	R\$ 1.020,00	Não mensurado	Não mensurado
53	Batatinha rosa kg	R\$ 3,20	20925	R\$ 66.885,00	Não mensurado	Não mensurado
54	Batatinha branca kg	R\$ 3,23	17650	R\$ 57.005,00	Não mensurado	Não mensurado
55	Batat yacon kg	R\$ 8,00	15	R\$ 120,00	Não mensurado	Não mensurado
56	Alho longa vida 200gr unid	R\$ 4,70	1400	R\$ 6.580,00	Não mensurado	Não mensurado
57	Alho kg	R\$ 17,72	900	R\$ 15.950,00	Não mensurado	Não mensurado
58	Alho poró unid	R\$ 2,75	60	R\$ 165,00	Não mensurado	Não mensurado
59	Brocolis unid de 250gr	R\$ 3,91	3300	R\$ 12.905,06	Não mensurado	Não mensurado
60	Couve flor unid 250 gr	R\$ 5,00	540	R\$ 2.700,00	Não mensurado	Não mensurado
61	Repolho kg	R\$ 3,75	14190	R\$ 53.274,00	Não mensurado	Não mensurado
62	Repolho roxo kg	R\$ 4,36	630	R\$ 2.744,00	Não mensurado	Não mensurado
63	Moranginho crissiumal kg	R\$ 18,00	71,9	R\$ 1.294,20	Não mensurado	Não mensurado
64	Batata doce kg	R\$ 2,11	12240	R\$ 25.881,00	Não mensurado	Não mensurado
65	Batata doce abobora kg	R\$ 2,50	758,5	R\$ 1.896,25	Não mensurado	Não mensurado
66	Brotos de alfafa unid de 115 gr	R\$ 5,89	24	R\$ 141,33	Não mensurado	Não mensurado
67	Pepino mussum kg	R\$ 3,14	2240	R\$ 7.042,00	Não mensurado	Não mensurado
68	Pepino conserva kg	R\$ 7,00	1485,3	R\$ 10.397,10	Não mensurado	Não mensurado
69	Gengibre kg	R\$ 7,66	125	R\$ 957,50	Não mensurado	Não mensurado

70	Pytaia kg	R\$ 7,84	20	R\$ 156,70	Não mensurado	Não mensurado
71	Uva de mesa kg	R\$ 4,35	2588	R\$ 11.253,00	Não mensurado	Não mensurado
72	Uva rubi, benetaka, red globo kg	R\$ 12,32	69	R\$ 850,00	Não mensurado	Não mensurado
73	Uva italia 500 gr	R\$ 6,45	150	R\$ 968,00	Não mensurado	Não mensurado
74	Uva especial kg	R\$ 10,00	84	R\$ 840,00	Não mensurado	Não mensurado
75	Caqui chocolate kg	R\$ 5,87	450	R\$ 2.639,98	Não mensurado	Não mensurado
76	Bergamota ponkan kg	R\$ 4,00	144	R\$ 576,00	Não mensurado	Não mensurado
77	Bergamota comum kg	R\$ 5,23	324	R\$ 1.695,00	Não mensurado	Não mensurado
78	Laranja umbigo nacional	R\$ 5,16	180	R\$ 929,41	Não mensurado	Não mensurado
79	Laranja suco 5kg	R\$ 9,00	1046	R\$ 9.414,00	Não mensurado	Não mensurado
80	Laranja suco kg	R\$ 2,07	7510	R\$ 15.580,10	Não mensurado	Não mensurado
81	Mamão papaya kg	R\$ 7,88	1420	R\$ 11.184,00	Não mensurado	Não mensurado
82	Mamão formosa kg	R\$ 4,77	10313	R\$ 49.182,40	Não mensurado	Não mensurado
83	Banana prata kg	R\$ 4,09	13032	R\$ 53.301,60	Não mensurado	Não mensurado
84	Banana caturra kg	R\$ 2,58	17340	R\$ 44.689,60	Não mensurado	Não mensurado
85	Maça fuji kg	R\$ 5,78	1476	R\$ 8.524,98	Não mensurado	Não mensurado
86	Maça gala kg	R\$ 3,14	10494	R\$ 32.940,00	Não mensurado	Não mensurado
87	Nectarina kg	R\$ 7,78	45	R\$ 350,00	Não mensurado	Não mensurado
88	Ameixa kg	R\$ 4,24	5050	R\$ 21.425,00	Não mensurado	Não mensurado
89	Abacaxi caiano unid	R\$ 4,90	142	R\$ 696,00	Não mensurado	Não mensurado
90	Abacaxi perola pequeno unid	R\$ 2,73	8655	R\$ 23.605,15	Não mensurado	Não mensurado
91	Kiwi kg	R\$ 16,67	18	R\$ 300,00	Não mensurado	Não mensurado
92	Limão siciliano kg	R\$ 0,33	15	R\$ 5,00	Não mensurado	Não mensurado
93	Coco seco kg	R\$ 4,00	50	R\$ 200,00	Não mensurado	Não mensurado
94	Maracuja azedo kg	R\$ 5,50	100	R\$ 550,00	Não mensurado	Não mensurado
95	Goiaba kg	R\$ 7,04	108	R\$ 760,00	Não mensurado	Não mensurado

96	Coco verde unid	R\$ 3,71	418	R\$ 1.552,00	Não mensurado	Não mensurado	
97	Pessego nacional kg	R\$ 3,80	350	R\$ 1.330,00	Não mensurado	Não mensurado	
98	Abacate kg	R\$ 4,63	294	R\$ 1.361,40	Não mensurado	Não mensurado	
99	Limão taiti kg	R\$ 2,82	3240	R\$ 9.149,40	Não mensurado	Não mensurado	

Fonte: a autora, conforme entrevista (Apêndice 01)

As informações de média de quantidades dos alimentos, tanto adquiridas como desperdiçadas, utilizadas neste trabalho são de um mês normal (janeiro de 2022 – conforme quadro 04), porém deve-se ter consciência de que existe a sazonalidade do próprio alimento, existe a sazonalidade de vendas do mercado que depende da procura e de datas especiais ou estação do ano, por exemplo, e, além disso, existem alimentos que dificilmente poderão ser cultivados nesta região Noroeste do Rio Grande do Sul devido às particularidades do clima local e do clima de cultivo que a planta exige.

De forma geral, o que se verifica é que para o supermercado, em termos monetários não haveria o desperdício. Esses são assumidos pelo fornecedor ou agricultor.

Além disso, através da análise e comparação dos quadros 02 e 04, também é possível perceber os sistemas de poder e barganha, conforme destaca Riva (2009). Nesta, fica visível, com relação aos pequenos fornecedores a tabelamento dos preços por parte do supermercado e, já com relação aos fornecedores/facilitadores a concorrência entre as empresas.

Outro dado que podemos extrair dos dados sistematizados, refere-se aos valores totais na aquisição para o setor de hortigranjeiros deste supermercado, mostrando que há uma demanda considerável no montante de 915.270,95 reais (conforme quadro 04 que se refere ao mês de janeiro de 2022 utilizada para o estudo). E, deste valor, apenas 122.455,01 reais são adquiridos da agricultura familiar, sendo o restante, 792.815,94 reais são pagos aos fornecedores/facilitadores.

Observa-se, grande parte dos alimentos que são produzidos a longas distâncias, também são produzidos na agricultura familiar do município, porém em pequena escala, confirmando que essas práticas mencionadas por Sabourin (2012), continuam ocorrendo em pequena escala ainda nos dias atuais.

De acordo com informação verbal coletada na Emater<sup>1</sup> de Três de Maio, RS, a agricultura familiar do município, no que tange a produção para subsistência é diversificada e abrange diversos alimentos demandados pelo supermercado, como é o caso da batata doce, cenoura, beterraba, tomate, moranga, gengibre, pepino conserva, repolho, couve flor, brócolis, cebola, alho, berinjela, pimentão, chuchu, rabanete, entre outros. Ainda segundo a Emater, os produtos inscritos no quadro 03 como “não encontrados no supermercado”, também possuem produção na agricultura familiar do município, porém em pequenas quantidades, apenas para uso familiar.

---

<sup>1</sup> Informação fornecida no escritório municipal da EMATER em Três de Maio em 06 de junho de 2022.

#### 4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Através deste estudo, ficou claro que existe uma demanda muito grande de alimentos *in natura* na cidade de Três de Maio, que vão muito além dos mercados normalmente acessados pela agricultura familiar, que são a feira livre e o PNAE. A demanda levantada neste trabalho diz respeito a somente um supermercado da cidade de Três de Maio, no qual apenas 13,37 por cento são cobertos pela agricultura familiar.

Também foi possível detectar diversos produtos que poderiam ser cultivados no município tendo possibilidade de vendas ao supermercado. E ainda, conforme já mencionado, muitos destes produtos já são produzidos pela agricultura familiar do município para subsistência, havendo a possibilidade de aumentar a escala de produção e a diversidade para ofertar e auxiliar no suprimento da demanda do supermercado.

Por outro lado, deve ser levado em consideração o que diz Marques, Conterato e Schneider (2016), sobre a formação do mercado local e as formas de poder e dominação criadas, assim como, conforme Riva (2009), as redes sociais e a criação de novos vínculos e estruturas para abrir possibilidades de novos mercados, poder de barganha e proteção para os agricultores familiares interessados.

Além disso, existe como pontos positivos, conforme também é relatado por Silva *et al.* (2017), como, a minimização dos desperdícios, a melhor qualidade dos produtos oferecidos aos clientes finais e o desencadear de um processo de desenvolvimento local, através do crescimento do setor primário, ou seja, o desenvolvimento da agricultura familiar local através desta demanda.

É possível dar sequência a este estudo através da soma da demanda de todos os supermercados do município, bem como, no que diz respeito ao outro lado deste mercado que é a oferta. Inclusive, para uma efetiva realização ainda se fazem necessários maiores estudos em algumas áreas específicas, como é o caso do interesse e aprovação dos agricultores do município e das Unidades de Produção que eventualmente demonstrarem interesse. Além disso, já é visível devido às diversas sazonalidades citadas, que caso seja realizado, é de grande importância que seja valorizada a policultura com objetivo de garantir a segurança econômica dos agricultores.

Nesse aspecto, vale lembrar, conforme informação encontrada no site da prefeitura municipal de Três de Maio, que o município já conta com a ação de uma cooperativa de alimentos (Coopernoroeste) que poderia tornar-se ainda mais efetiva e eficiente no seu trabalho de cooperação.

Ademais, são necessárias políticas públicas que auxiliam todo esse processo e o interesse público e privado no desenvolvimento coletivo que o processo pode desencadear. Desta forma fica explícita a importância de se fomentar os circuitos curtos de mercados através de políticas públicas para que esta, como uma ação em nível local, que terá impacto sobre famílias em situação de vulnerabilidade acaba por atingir também, conforme Preiss e Schneider (2020), a segurança alimentar, a saúde pública e o desenvolvimento local geral. Frente ao contexto geral anteriormente exposto e conforme Preiss e Schneider (2020) percebe-se efetivamente, que é de acordo com as ações em nível local que será alcançado impacto em escala.

## REFERÊNCIAS

BRASIL. Lei nº 11.947 de 16 de junho de 2009. **Dispõe sobre o atendimento da alimentação escolar e do Programa Dinheiro Direto na Escola aos alunos da educação básica; altera as Leis nos 10.880, de 9 de junho de 2004, 11.273, de 6 de fevereiro de 2006, 11.507, de 20 de julho de 2007; revoga dispositivos da Medida Provisória no 2.178-36, de 24 de agosto de 2001, e a Lei no 8.913, de 12 de julho de 1994; e dá outras providências.** Brasília, 2009. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2007-2010/2009/lei/111947.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2009/lei/111947.htm). Acesso em: 18 mai. 2022.

BRASIL. Lei 11.326 de 24 de julho de 2006. **Estabelece as Diretrizes para a Formulação da Política Nacional da Agricultura Familiar e Empreendimentos Familiares Rurais.** Brasília, 2006. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2004-2006/2006/lei/111326.htm#:~:text=Estabelece%20as%20diretrizes%20para%20a,Art.](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2006/lei/111326.htm#:~:text=Estabelece%20as%20diretrizes%20para%20a,Art.) Acesso em: 08 maio 2022.

CONTERATO, Marcelo Antônio [*et al.*] (Org.).  **Mercados e agricultura familiar: interfaces, conexões e conflitos.** Porto Alegre: Série Difusão IEPE/UFRGS – Ed Via Sapiens – 2013.

DAL SÓGLIO, Fábio; KUBO, Rumi Regina (ORG).  **Desenvolvimento, agricultura e sustentabilidade.** Porto Alegre. Editora UFRGS. 2016.

DAROLT, Moacir Roberto; LAMINE, Claire; BRANDENBURG, Alfio; ALENCAR, Maria de Cléofas Faggion; ABREU, Lucimar Santiago. Redes alimentares alternativas e novas relações produção – consumo na França e no Brasil. **Revista Ambiente & Sociedade.** v. 19, n. 2, p. 1 - 22. 2016. Disponível em: [https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1414-753X2016000200002&script=sci\\_arttext&tlng=pt](https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1414-753X2016000200002&script=sci_arttext&tlng=pt). Acesso em 20 maio 2022.

GERHARDT, Tatiana Engel; SILVEIRA, Denise Tolfo (Org.). **Métodos de pesquisa.** Porto Alegre: Editora UFRGS, 2009.

**IBGE.** Síntese de Indicadores Sociais: indicadores apontam aumento da pobreza entre 2016 e 2017. Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-sala-de-imprensa/2013-agencia-de-noticias/releases/23298-sintese-de-indicadores-sociais-indicadores-apontam-aumento-da-pobreza-entre-2016-e-2017#:~:text=Segundo%20a%20linha%20de%20pobreza,milh%20C3%B5es%20de%20pessoas%20no%20per%20C3%ADodo.> Acesso em: 01 jun. 2022.

MANZINI, Eduardo José. Entrevista semi-estruturada: análise de objetivos e de roteiros. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL SOBRE PESQUISA E ESTUDOS QUALITATIVOS, 2004, Bauru. Anais.... Bauru: USC, 2004. v. 1. p. 01-10. Disponível em: [https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/3145622/mod\\_resource/content/1/Entrevista%20semi%20estruturada%20estudo%20UNESP%20Mari%CC%81lia.pdf](https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/3145622/mod_resource/content/1/Entrevista%20semi%20estruturada%20estudo%20UNESP%20Mari%CC%81lia.pdf). Acesso em: 01 jun. 2022.

MARQUES, Flávia Charão; CONTERATO, Marcelo Antônio e SCHNEIDER, Sergio. **Construção de mercados e agricultura familiar.** Porto Alegre: PGDR, Editora UFRGS - 2016.

PAGNUSSATT, Marcos. **Políticas públicas e agricultura familiar: o PRONAF no município de Camargo/ RS.** 2011. Monografia (Graduação Tecnológica em Planejamento e Gestão para o Desenvolvimento Rural) Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Camargo. 2011. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/54669/000855545.pdf?sequence=1&isAllowed=y> . Acesso em: 20 maio 2022.

PREFEITURA MUNICIPAL DE TRÊS DE MAIO. **Coopernoroeste Terá Sede na Avenida Santa Rosa** - Cooperativa mista da agricultura familiar do Noroeste gaúcho. Disponível em: <https://www.pmtresdemaio.com.br/site/noticias/gabinete-prefeito/3619-cooperativa-mista-da-agricultura-familiar-do-noroeste-gaucha>. Acesso em: 18 maio 2022.

PREISS, Potira V e SCHNEIDER, Sergio (Org). **Sistemas alimentares no século 21: debates contemporâneos.** Porto Alegre: Editora da UFRGS - 2020. Disponível em: <https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/211399/001115756.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 18 maio 2022.

QUEIROZ, Tiago Augusto Nogueira de. **A CEASA-RN e os circuitos da economia urbana: a circulação de hortifrutigranjeiros em Natal/RN.** 2014. Dissertação (Mestrado em Dinâmica e Reestruturação do Território) Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Programa de Pós-graduação e Pesquisa em Geografia. Natal, 2014. Disponível em: <https://repositorio.ufrn.br/jspui/handle/123456789/18967>. Acesso em: 08 maio 2022.

RAMBO, Anelise Graciele; POZZEBOM, Luciana e DENTZ, Eduardo Von. Circuitos curtos de comercialização e novos usos do território: considerações sobre PNAE e as feiras livres. **Revista Grifos**, Porto Alegre, v. [s/i], n. 46, p. 10 – 26, 2019. Disponível em: <https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/205041/001107691.pdf?sequence=1> Acesso em: 12 maio 2022.

RIVA, Paula. **Agroindustrialização familiar: uma abordagem sobre o desenvolvimento dos produtores familiares rurais.** 2009. Monografia (Bacharelado em Ciências Econômicas). Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2009. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/25367/000739276.pdf?sequence=1&isAllowed=y> . Acesso em: 12 maio. 2022.

ROVER, Oscar José; RIEPE, Ademir de Jesus. A relação entre comercialização de alimentos e princípios agroecológicos na rede de cooperativas de reforma agrária do Paraná/Brasil. **Revista SER – UFPR** – v. 38, p. 663 – 682, 2016. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/made/article/view/41984>. Acesso em: 08 mai. 2022.

SABOURIN, Eric. Reciprocidade e análise de políticas públicas rurais no Brasil. **Ruris I**, v. 6, n. 2, p. 53 - 90, 2012. Disponível em: <https://ojs.ifch.unicamp.br/index.php/ruris/article/download/1538/1046> . Acesso em: 08 mai. 2022.

SANDRONI, Paulo. Org. **Novíssimo dicionário de economia.** São Paulo: Editora Best Seller. 1999. Disponível em: [https://moodle.ufrgs.br/pluginfile.php/2887060/mod\\_resource/content/1/DICIONARIO%20DE%20ECONOMIA.pdf](https://moodle.ufrgs.br/pluginfile.php/2887060/mod_resource/content/1/DICIONARIO%20DE%20ECONOMIA.pdf). Acesso em: 08 mai. 2022.

SILVA, Monica Nardini da; CECCONELLO, Samanta Tolentino; ALTEMBURG, Shirley Grazieli Nascimento; SILVA, Fernanda Novo da e BECKER, Cláudio. A agricultura familiar e os circuitos curtos de comercialização de alimentos: estudo de caso da feira livre do município de Jaguarão, RS. **Revista Espacios**. v. 38, n. 47, p. 7 - 20, 2017. Disponível em: <https://www.revistaespacios.com/a17v38n47/a17v38n47p07.pdf> . Acesso em: 19 jun. 2022.

SOUZA, Marcelo Santos de. **Redes de pequeno varejo: a construção social dos mercados de hortifrutigranjeiros no Rio Grande do Sul**. 2009. Tese (Doutorado em Desenvolvimento Rural) Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade de Ciências Econômicas. Programa de Pós-graduação em Desenvolvimento Rural, Porto Alegre. 2009. Disponível em: [https://www.ufrgs.br/temas/wpcontent/uploads/2021/04/2009\\_MARCELO\\_SANTOS\\_DE\\_SOUZA.pdf](https://www.ufrgs.br/temas/wpcontent/uploads/2021/04/2009_MARCELO_SANTOS_DE_SOUZA.pdf). Acesso em: 20 jun. 2022.

WAQUIL, Paulo Dabdab; MIELE, Marcelo e SCHULTZ, Glauco. **Mercados e comercialização de produtos agrícolas**. Porto Alegre: Editora UFRGS, 2010.

ZARO, Marcelo [*et al.*] (Org.). **Desperdício de alimentos: velhos hábitos, novos desafios**. Caxias do Sul: Educs, 2018. Disponível em: <https://www.ufrgs.br/site/midia/arquivos/e-book-desperdicio-de-alimentos-velhos-habitos.pdf>. Acesso em: 01 jun. 2022.

## APÊNDICE 01 – ENTREVISTA

(Aplicado ao responsável pelo setor de hortigranjeiros e ao proprietário)

- 1- Quais os tipos de produtos envolvem o setor fruteira?
- 2- Quem são os fornecedores do setor fruteira?
- 3- Quais produtos cada um fornece?
- 4- Qual a localização de cada um desses fornecedores?
- 5- Qual a periodicidade de entrega dos produtos?
- 6- Qual a medida é utilizada para aquisição dos produtos? E para a venda?
- 7- Quanto de desperdício por produto? Qual o destino dado a este produto?
- 8- Quantidade média adquirida mensalmente de cada produto?
- 9- Qual o preço médio pago por kg de produto?

## ANEXO 01

## TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

**Trabalho de Conclusão de Curso  
INSTITUIÇÃO RESPONSÁVEL – UFRGS**

NOME: \_\_\_\_\_

RG/CPF: \_\_\_\_\_

Este **Consentimento Informado** explica o Trabalho de Conclusão de Curso “**AS CARACTERÍSTICAS QUE ENVOLVEM O CIRCUITO DO SETOR DE HORTIGRANJEIROS DE UM SUPERMERCADO DO MUNICÍPIO DE TRÊS DE MAIO/RS.**” para o qual você está sendo convidado a participar. Por favor, leia atentamente o texto abaixo e esclareça todas as suas dúvidas antes de assinar.

Aceito participar do **Trabalho de Conclusão de Curso “AS CARACTERÍSTICAS QUE ENVOLVEM O CIRCUITO DO SETOR DE HORTIGRANJEIROS DE UM SUPERMERCADO DO MUNICÍPIO DE TRÊS DE MAIO/RS.”** – *do Curso Bacharelado em Desenvolvimento Rural – PLAGEDER*, que tem como objetivo “Analisar as características e demandas que envolvem o circuito de fornecedores de produtos encontrados no setor de hortigranjeiros em um dos supermercados de Três de Maio/RS.”.

A minha participação consiste na recepção do aluno “Elisabete Carine Fritz” para a realização de entrevista.

Fui orientado de que as informações obtidas neste Trabalho de Conclusão serão arquivadas pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul/UFRGS e que este projeto/pesquisa resultará em um **Trabalho de Conclusão de Curso** escrito pelo aluno. Para isso, ( ) **AUTORIZO** / ( **x** ) **NÃO AUTORIZO** a minha identificação (e/ou a da propriedade/agroindústria/cooperativa/outra para a publicação no TCC.)

Declaro ter lido as informações acima e estou ciente dos procedimentos para a realização do Trabalho de Conclusão de Curso, estando de acordo.

Assinatura \_\_\_\_\_

Três de Maio, 25 / 03 / 2022

